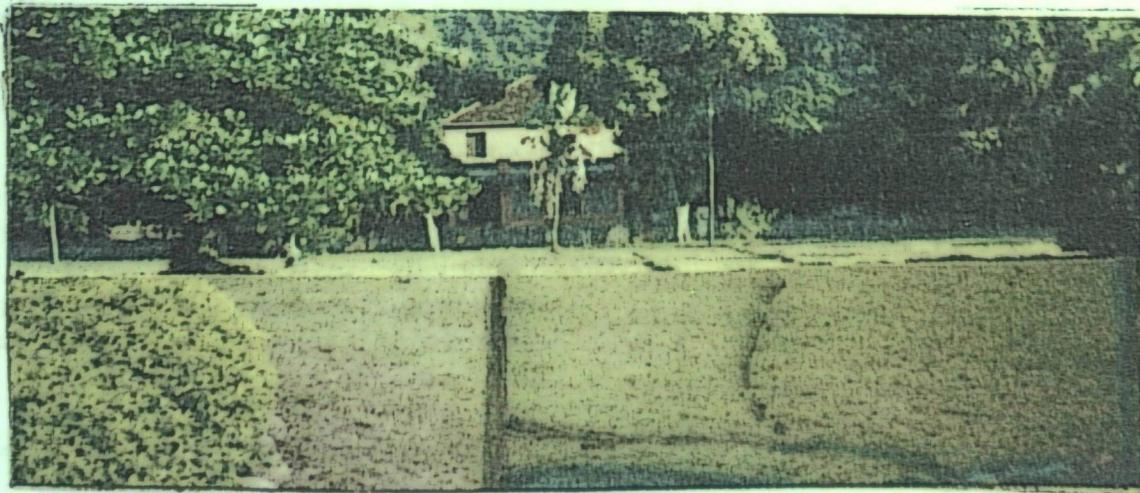


RECORDANDO UMA ÉPOCA DO IPCM

A VILA, UM POUQUINHO COMO ELA ERA. Socialmente falando era assim, uma rotina na época do IPCM: - Quase sempre o expediente começava com um breve ajuntamento de funcionários pelas ruas da Vila. Isto acontecia habitualmente pela manhã a caminho da Cadeia, sem antes deixar de acontecer uma visitinha matinal, de alguns funcionários à praia, especialmente ali perto do Casarão dos diretores do Presídio. Esticava mais um pouquinho e se chegava ao local exato do famoso ponto de encontro da praia, defronte da Casa de Pesca. E depois seguia para o trabalho propriamente, de segunda a sexta-feira, num ritual com algumas preferências localizadas do Corpo Funcional. Também havia outros pontos de encontros preferidos dos funcionários, como podem ser citados: um desses locais preferidos era debaixo de uma boa sombra na calçada da Rua Rio Grande do Norte, quase defronte do Clube Nestor Veríssimo, o famoso "Cassino". Um outro ponto de encontro, muito apreciado pelos funcionários do IPCM, era debaixo do mangueiral defronte do pavilhão velho da Colônia Correccional de Dois Rios, isto porque, nesta época ficava ali localizado neste pavilhão, o alojamento dos

funcionários que prestavam serviços por escala e residiam em outras regiões da ilha, bem como no continente. Outros setores localizavam-se neste mesmo pavilhão, entre eles, estava o movimentado Setor de Zeladoria, e mais, havia um monótono depósito de roupas, na extremidade direita. Além disso, o local era de ampla visão dos acontecimentos diários e receptivos às novidades chegadas logo de primeira mão. E havia os locais outros, obrigatórios de encontros dos funcionários na seção do Serviço de Segurança, todos os funcionários deveriam dar suas presenças. E, para melhor evidenciar o espírito da chefia, deveria este comparecer de bom grado, no interior das galerias e dar lá a sua contribuição no serviço de manejo da massa carcerária. Principalmente na primeira galeria, para marcar o ponto, na "Boca do Boi". Ali, sim era onde estava a cruz que o diabo fugia, e deixava o pobre cristão morrer nela pregado. Era onde se conhecia todos os presos do estabelecimento. Era onde o preso resmungava um bom-dia. Em fim, quem não conheceu a famosa "Boca do Boi", não pode dizer que conheceu a Cadeia por dentro. - Meu amigo!



*O Casarão dos
Diretores e
a Praia de
Casarão.
Foto feita
arquivo
patrimônio do
ano zero.*

Expediente

Os TEXTOS e ILUSTRAÇÕES – são da inteira responsabilidade de Hotair, Rua Paraná, número 09, Vila Dois Rios, Ilha Grande, RJ.

ÍNDICE	PÁGINA	ÍNDICE	PÁGINA
A Vila como era no tempo do IPCM	01	O Refeitório dos Internos	10
O Setor de Zeladoria	04	A Primeira Galeria	11
A Portaria da Prisão	05	A Saída da Turma	13
O Pátio da Administração	06	Ainda é Carnaval	14
O Pátio da Caldeira	09	Eco-Museu, comentário do filme: "Os Narradores de Javé"	15
O Pátio do Mariel	09	Poema: Nostalgia da Natureza	16

Os ajuntamentos de funcionários, cujo, referi-me anteriormente, reduziam aos grupinhos de Agentes Penitenciários da instituição, por vezes estes grupinhos iam se estruturando por repartição. Antecedendo ao expediente do dia, e já prevendo ao que poderia acontecer ao terminar o expediente às dezesseis horas. Na conversa entre amigos quase sempre se arrumava alguma atividade para fazer.

- Uma pescaria de varejo, as vezes, para entrar em ação depois do expediente, de preferência no pesqueiro mais próximo, como no Tobias, Ponta do Exótico, ou num mais distante; quando não era a pesca de linha era a de rede na praia, mesmo se não fosse a pesca, seria um futebol de salão ou de campo. De modo que sempre havia uma atividade.

- Por isso a quadra de futebol de salão, Agente penitenciário Arynaldo Santana Filho, estava sempre em atividade recreativa depois do expediente. O esporte nesta quadra acontecia simultaneamente com as atividades do Centro Social Nestor Veríssimo, que era o clube de funcionários:

- O clube, fundado para os funcionários há um tempo e tornou-se em bem pouco tempo, o maior clube da região, entre Abraão e a Parnaioca, conhecidamente como o "Cassino". Onde dias imemoriais comum era depois do expediente lá encontrar uma boa partida de sinuca, para isso o clube possuía uma mesa oficial; daquela cujo existia somente no Cassino e mais algumas lá no Abraão, no bar do senhor Oscar e no armazém do seu Amauri.

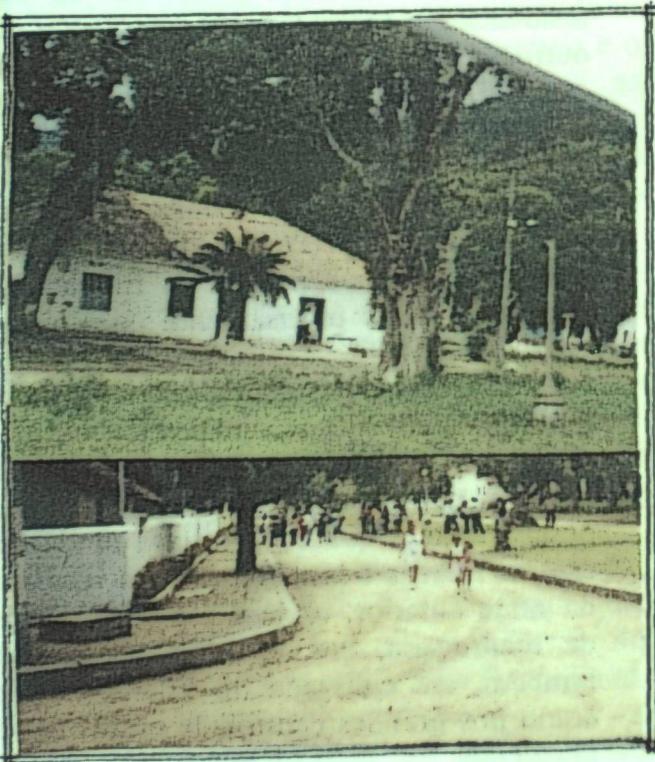
- Enquanto que no salão do clube os funcionários do IPCM tinham o hábito de se reunirem com amigos e familiares, em torno de conversas, em sua grande maioria das vezes sem conseqüências: Contavam as vezes anedotas, lembravam fatos, comentavam excêntricas de personalidades jocosas ou irreverentes; enfim tudo a servir de motivos para comentários, elogios, críticas, citações ou tiradas filosóficas, do tipo normalmente conhecido como "filosofia de bar". E, com isso, discussões infundáveis nasciam daí e geraram algumas histórias, cujo, se perpetuam. Entre estas histórias está a história de uma grande fuga de preso. A CONHECIDA FUGA DO INTERNO SALDANHA, NO FINAL DA DÉCADA DE 1970. Que normalmente é chamada de "FUGA DO CINEMA". Enquanto que outras histórias dessas vieram caindo no esquecimento do tempo.

- Aqueles dias precedentes existiam os personagens que, já vinham de casa às reuniões, com jeitos mais extrovertidos, com suas respostas já prontas e comentários picantes com tirocinio mordazes, comum, aos contadores de casos, e bem como também, havia os que tocavam instrumentos musicais e muitas vezes tinham uma boa voz, nas noites de baile dos finais de semana reunia os - mais antigos companheiros seresteiros, esses eram sempre bem vindos à essas reuniões que se prolongavam horas a fio entrando com frequência pela madrugada.

- Diariamente de tarde no clube, ou

nos finais de semana, reunia-se a comunidade. E, do qual fazia parte os organizadores do clube, um deles destacou-se durante muito tempo, pelo seu jeito esportivo, liderança e sociabilidade; possuía a capacidade de congrega a agremiação; ele era uma figura notável, obesa, rotunda e foi ele quem colocou o clube em alta, chamava-se simplesmente **ALMEIDA**.

Naquele tempo era gratificante assistir uma partida de futebol de salão ou mesmo de campo. Havia a figura do técnico do time do clube, chamava-se **MACARRÃO**, que contava com extraordinários jogadores como pode ser citados: **TININHO GAMA, PEREIRA, GILMAURO, EDSON ESTICADINHO, EDSOM BLECK, JOLAR, JAIME SANTANA, JOÃO PEREIRA, DIAS, ANELINO, GILBERTO, EZEQUIEL** e tantos outros que depois de cada campeonato merecia da direção técnica, que era quase que sempre composta pelo **MACARRÃO** e o **FLORÊNCIO**. Em uma



*Centro Social Nator Varbusimo,
atual Centro de Convivência.*

homenagem muito especial expunham seus nomes no quadro de campeões, que havia no clube e os troféus ia para a cristaleira de exposição.

A Vila Dois Rios naquela época, absorvia uma economia pródiga, das classes de Agentes Penitenciários, Policiais Militares e de prisionais e seus familiares, que fazia da Vila a cidade de Meca. Sob certos aspectos igualava-se a outros centros comunitários de Angra dos Reis e de Mangaratiba. Até mesmo porque se mantinha constantemente informada das questões regionais, estadual, municipal e de outras informações de maior relevância no cenário nacional, pelo senhor diretor e através do constante revezamento das guarnições de serviço que chegavam do Rio de Janeiro. Por todos esses quesitos, subiu de conceito e tinha já tradicional representatividade junto da população de outros povoados da Ilha Grande.

Nesta época uma atenção toda especial era dada a cada Rua da Vila Dois Rios. Isto porque os Agentes Penitenciários do IPCM privilegiavam os seus chefes de repartição e cultivavam acima de tudo o companheirismo. Quando o chefe de uma repartição não vinha ao seu encontro, os seus auxiliares iam ate a rua de sua residência, encontra-lo.

A Rua Pernambuco, por exemplo, na época, era mais conhecida como sendo a "Rua da Garagem". Isto porque concentrava ali os serviços de transportes do IPCM, compreendendo-se o abrigo para os carros, as oficinas de consertos, o posto de abastecimento de combustível e o depósito de peças de reposição. Tudo isso comandado pelo **CABO HELTON**, um militar de muito brio, que morava na casa mais próxima da garagem, situada no final da rua ao lado direito. Dali ele dava assistência ao setor, diuturnamente, e, para isso dispunha de auxiliares e internos residentes nas condições de colo-livres ao redor da garagem e uma boa turma de outros internos que saíam todos os dias do presídio para prestar serviços no setor de transporte.

O SETOR DE ZELADORIA, REPAROS E INSTALAÇÕES

Funcionava no terceiro alojamento da antiga Colônia Correcional de Dois Rios, onde, em 1936 esteve alojado o escritor Graciliano Ramos, por dezoito dias, ou seja, ele ingressou na unidade em 11 de junho de 1936 e regressou ao Rio de Janeiro no dia 29, da mesma forma como veio, de trem até Mangaratiba, de lancha para o Abraão e caminhou, penosamente, a pé do Abraão a Dois Rios. O diretor da prisão na época, Graciliano o descreveu como sendo "um homem de rosto fino, duro, silhueta recortada em lâmina de faca", tratava-se do Dr. Sardinha, médico oficial da unidade que novamente havia assumido interinamente a direção, substituindo o tenente Canepa. que ocupava o cargo desde 1º de julho de 1934, quando assumiu em substituição ao engenheiro Dr. Marcílio Souto Maior, que foi nomeado para o cargo de diretor para construir uma estrada e acabou se envolvendo em espancamento de presos, foi denunciado, exonerado antes da obra ser iniciada. Canepa, em dois anos deixou a unidade em ordem, com muitos feitos para a época e entregou a unidade ao Dr. Filinto Muller, Chefe de Polícia ao longo do governo de Getúlio Vargas.

Era um grande setor de trabalho que aproveitava amplamente a mão-de-obra dos internos, responsável pela manutenção de todo o parque material da Penitenciária, necessitava de uma boa organização. E para isso teve como chefe no período do IPCM, o excelente funcionário José Augusto Ferreira,

uma pessoa de finíssimo trato, fisionomia passiva e satisfeita a revelar inteligência e bondade, indiferente a beleza física do indivíduo, somente se interessava pelas relações pessoais e intelectuais do próximo.

- E, que geralmente se destacou pelo zelo da Vila Dois Rios. Por vezes, na intimidade este era chamado por alguns companheiros de Zé Augusto ou simplesmente Tio Zé. Ele ocupava a primeira casa da Rua Pernambuco, a de número um e ao seu lado estava à casa do seu fiel escudeiro João Lucas, que era um soldado da Polícia Militar. Somente saíam de lá de suas residências às mesmas horas a encontrar dois outros companheiros de trabalho como escoltas da Turma de presos que trabalhavam na Zeladoria.. Depois de os dois saírem de suas respectivas casas, não demorava muito e, vinha o agente penitenciário João Pereira, da rua Espírito Santos – um ilhéu natural da Enseada das Estrelas e mais precisamente da Praia de Fora.

- Rotineiramente, da rua Espírito Santos iam juntos encontrar com Pereira, no início da Avenida São Paulo, cujo, Pereira, morava defronte da quadra de esportes; nestas horas a quadra guardava ainda com sigilo as marcas frescas da disputa recreativa da noite anterior, onde o esporte encerrava de madrugada, em sinal de que a noite, também, era cultivada na Vila Dois Rios, como nos grandes centros de outras regiões brasileiras.

A PORTARIA DA PRISÃO (IPCM)

Somente após Pereira comparecer a rua. Saíam juntos, pois, uma vez estava dado por satisfeitos, as preliminares do dia, então seguiam o destino desejado em direção à portaria da Prisão, localizada na Pracinha Pentagonal, que era uma espécie de berço do famoso Busto do patrono Cândido Mendes.

Ao passar pela Pentagonal as Escoltas da Zeladoria tinham sobre a cabeça a sentinela e a Bandeira da Instituição. Naquela hora da manhã a meio pau aguardando a chegada do diretor para só então subir à ponta do mastro. A sentinela lá nas alturas passeava de um lado para outro, vigiando os ambientes: o ambiente da parte externa e o ambiente da parte interna da Prisão. E, as Escoltas da Zeladoria contavam os passos ao entrar e ao mesmo tempo olhavam satisfeitos por perto e depois o entorno ao longe.

E, a sentinela continuava lá, quem vinha ele via e caprichava na observação vigilante de qualquer detalhe suspeito. Quem ia levava dele um olhar de confirmação tirando dúvidas e passando a limpo a certeza do dever cumprido, em sinal de um bom serviço prestado à segurança da Prisão.

Por ali não passava ninguém não identificado pelo olhar direto da sentinela, como se fosse o olhar de uma águia que, atraía e sungava a imagem. Antes do indivíduo, atravessar a Pracinha Pentagonal. Do alto ainda filmava novamente e autorizava o sujeito com um gesto positivo da mão, aprovando com a cabeça para os Agentes Penitenciários, Policiais e autoridades da casa e zangado para os presos, os (inimigos da polícia), propriamente.

Quando o cidadão estranho se aproximava da Pentagonal e não era

identificado com precisão ao longe, tinha obrigatoriamente de ficar parado junto ao Busto do Patrono, do outro lado da rua, aguardando ordens do Cabo da Guarda, embaixo, perante da mesa de controle da Portaria.

O portão principal formava um conjunto perfeito com a parede, ao meio um caixilho de entrada e saída, limitado por um portão menor pendurado e de fácil manejo, mas, constantemente travado com um ferrolho brutal pelo lado de dentro que só se abria com ordem do Cabo da Guarda. Depois de uma breve consulta visual pelas espias côncavas que ladeavam este conjunto. Lá do alto a sentinela com o seu olhar suspicaz, também, ouvia o cantar rangido do ferrolho do portão. Então, estava registrada a entrada de alguém ou mesmo a saída, e mais uma vez as atenções da sentinela se voltavam para aquele ponto onde estava petrificado o Busto do Penitenciário Cândido Mendes, a testemunhar milhões de cenas dessas, repetidas na entrada e na saída da Prisão da Ilha Grande, a um espaço de tempo de mais ou menos meio século.

Os Agentes Penitenciários, Escoltas da turma de presos classificados no Setor de Zeladoria, Reparos e instalações, como disse, saíram tranquilamente de suas casas num dia de expediente normal de trabalho, provavelmente no final da década de 1970 e passaram pela Pentagonal, saudaram a sentinela ao alto junto da bandeira arriada.

- Esticado na farda lá estava um policial bem traquejado, franzino de corpo, escuro e cortes, que carregava na bandoleira uma arma pesada, e uma outra na cinta, pequena e supostamente de menor importância. Efetivamente ligado com rigor na vigia da muralha. Quem o olhava

tinha a impressão haver aquele moço nascido para o serviço policial que executava naquele momento.

- Embaixo com a aproximação das escoltas o Cabo da Guarda pelas espias observou e range o ferrolho. O portão meio abre-se e o Cabo: disse "Bom-dia! Gente!". As escoltas da turma dos internos da Zeladoria atravessaram o portão e este se

fechou novamente, com o rangido irritante do ferrolho, agora batido firmemente no orifício da tranca, nisto o código secreto se espalhou e desprende àquela hora um eco no entorno. Lá do alto da torrinha a sentinela registrou aquele que deveria ser o segredo profissional usado à maneira da turma de cada serviço naquele local de trabalho

O PÁTIO DA ADMINISTRAÇÃO

Depois de meia pausa feita defronte do Corpo da Guarda, as Escoltas da Zeladoria continuaram a caminhada normalmente pelo pátio da administração, em direção do portão da entrada lateral esquerda, que existia junto da enfermaria; neste momento observava-se inevitavelmente ali naquele pátio: o almoxarifado na mesma pavimentação do ambulatório médico e o necrotério, já no pavimento da enfermaria, àquela hora a calma era geral nestes setores. Estando a passagem também silenciosa e difícil de ser aberta. As Escoltas resolveram então inverter a direção: voltando e caminhando para o Setor de Cozinha dos Internos, almejando buscar por ali a entrada ao Setor de Galeria, com objetivo de buscar os internos a prestar na Vila diversos serviços: como nas canaletas de abastecimento de água; pinturas de (meios-fios, muros, troncos de árvores e etc.); recolhimento de lixo; jardinagem; capina geral e outros.

Este dia indeterminado, que ninguém por aqui sabe o certo, somente se recorda que era um dia de semana do final da década de 1970. Neste indeterminado dia as Escoltas dos internos da Zeladoria, lá no Pátio da Administração permaneceram mais um pouco, deixando do lado oposto, as ruas monótonas, cujo, seria quebrada esta monotonia como sempre havia sido com a vinda dos internos aqui fora. Espantando

assim a madorna do povoado ao iniciar o movimento de limpeza e reparos pela Vila, propriamente o trabalho da Zeladoria.

Sem pressa alguma as Escoltas andaram mais um pouco pelo Pátio da Administração, até parecia que contando os seus próprios passos e os paralelepípedos por onde passava no pátio intermediário a frente do estabelecimento. Desta forma transcorreu entre o Corpo da Guarda e a porta da cozinha dos internos do IPCM. Ali na porta do "Rancho" como era conhecido este local. Toparam com o chefe da padaria, o funcionário Oriental, um refinado Agente Penitenciário de uniforme traquejado, sapatos engraxados, boas maneiras de ser, tipo gaúcho, branco pele ardente, alto, rosto afilado, cabelos grisalhos já aparentando certa idade, sereno na conversa, magro liso e quando olhava para o preso parecia que adivinhava de longe a intenção de pedir-lhe ou não uns pães por conta da sobrinha da reserva, feita para possíveis eventualidades das repartições da prisão e do quartel de polícia.

Em seguida o chefe da padaria foi afastar dúvidas do interno Adalto, rachador de lenha da padaria. Oriental deteve-se em frente do portão de entrada de viatura do IPCM e por instantes permaneceu parado, com as mãos mergulhadas nos bolsos do

uniforme. Vagou seu olhar, pela amplidão do pátio. Um pátio muito comprido. Como estava solitário e mórbido, naquele momento! Apresentava-se escovado e ladeado de canteiros, cheios de plantas floridas. Estas flores eram vermelhas e brancas, em hastes débeis e curvas, de cheiro inebriante, sutil. O pátio em si, estava sem movimento de gente. As plantas, também sem movimento. Com a carceragem toda na tranca, se tornava o pátio mais quieto do mundo. Enquanto o Agente percorria com o olhar, a longa extremidade silenciosa, com certeza fugia-lhe a imaginação, voando para o interior da padaria, da qual estava já há muitos anos acostumado e já trazia de cor o ambiente.

Horizontal era uma espécie rara na chefia da padaria do IPCM, com sua experiência confiava no padeiro Lamparina, o interno padeiro de sua preferência, para ser o mestre de uma equipe que trabalhava com ele, formada por muitos internos práticos. Batia a massa do pão durante a tarde, e a noite munia o forno e colhia as fornadas, até ao amanhecer, quando Horizontal chegava estava tudo pronto para distribuição dos pães ao coletivo.

Horizontal, naquele instante deixou os colegas da Zeladoria ali diante da cozinha fazendo menção de adentrar pelo portão deste setor, trancado com cadeado grande de marca Papaiz. Uma responsabilidade do Agente da cozinha, o Zequinha, nesse suposto dia. Um agente terrivelmente, sério, conversava baixo, rápido com lágrimas na voz, sublinhando com movimentos de cabeça afirmações suas sem pestanejar.

Zequinha deixou passar por ali os companheiros da Zeladoria, sob as alegações de que, o Inspetor-de-dia naquele momento pagava o café do coletivo lá no interior do Estabelecimento e não dispunha do tempo necessário para vir à frente abrir o portão da entrada de serviço.

Pausados e trôpegos, como quem caminha para o espetáculo de um teatro, sem hesitar, as Escoltas entraram na cozinha do Estabelecimento. Eram umas seis horas aprazíveis, ali uns dez presos trabalhavam no descascamento de legumes e cozimentos dos gêneros. Tranqüilamente e metodicamente, os sussurrar de vozes alegres lá dentro, as falas baixas dos internos na cozinha, o sol já despontava no horizonte e brilhava nas folhas dos pés de brinco de princesa do pátio; e se ouvia o som estridente de um machado, que um lenhador estava batendo do lado de fora à porta do forno. Posso até jurar que essa orquestra, foi menos triste do que a orquestra do final do dia.

Num panelão, cujo, era a grande vasilha, que tinha o nome de caldeira de feijão, estava plantada na ponta direita de uma série de três unidades iguais na cozinha perto da porta, lá junto delas estava o preso feijoeiro. Um baixote forte chamado Severino, que atarefava das panelas: uma de arroz e uma outra de feijão, e no avental usado até ao peito, ele trazia as marcas profundas do vapor de quando mexia nos registros dessas caldeiras fervendo; soltava um jato de vapor a toda hora e lhe vinho no peito, encharcava-lhe a roupa.

Os outros presos desafiavam o legume e as pencas de carne na faca com intensa habilidade, que o Agente Zequinha exigia no seu plantão, para dar pronto o almoço às dez horas e trinta minutos.

Com Zequinha os presos tinham de trabalhar sem olhar para os lados e sem conversar muito. Quem via aquilo tinha ligeira impressão de uma outra época, ou de estar nos Estados Unidos das Américas, naquelas prisões denominadas de: "the Auburn State Prison", onde, os detentos trabalham juntos, em silêncio, durante o dia, na produção industrial, viveres, asseio e

dormem em celas separadas a noite, conforme nos reporta Miryan Sepúlveda, 2009, em seu livro "Os Porões da República", pág: 50.

Uma vez, as Escoltas da Zeladoria estando na cozinha, ali um xis lhes desafiaram: ir ou voltar. E, os portões trancados: A paixão do agente penitenciário ou os defeitos que fiam a chefia de um setor de trabalho por este talento, hão de reconhecer os hábeis carcereiros das alturas enroscados. Se não tranca é um mau agente, se tranca é um agente mau. Fixa na idéia a certeza. E, desanda contar casos, passa uma eternidade construindo uma loureira que embala o sujeito, até quase tira uma soneca num lugar deste, trancados esperando para abrir-lhes o próximo portão. E, no sonho nasce um bogari, exala o seu perfume que o indivíduo sente... A dama nasce, nasce o sol, a lua as estrelas e as plantas do pomar, por exemplo, o lírio do vale - a flor das damas do tempo de criança.

- Na cadeia é lugar de tudo isso e mais ainda: - pensar, sonhar, viver, escreve e deixar lá um garrancho de bobagem e besteiras penduradas nas paredes. Simples idéia fictícia de quem neste lugar um dia esteve preso...

Como vinha dizendo:

- Uma vez, as Escoltas da Zeladoria estando na cozinha, havia outros portões desse mesmo setor, também, trancados com a mesma rigidez do Zeca, a atravessar; pois o Zeca como era chamado normalmente de Zequinha, trazia sempre nos seus serviços, todos os portões totalmente na tranca e, não abria um deles sem que o outro anteriormente aberto estivesse agora com certeza totalmente trancado. Abriu esse segundo portão. Os agentes da Zeladoria passaram para um corredor meio escuro, meio esquecido, que ali valia a pachorra como passatempo. Até a mesma mão que o trancou aparecer para abri-lo.

- Enquanto se abre, não abre. As Escoltas da Zeladoria foram visitando o parlamento

de poucas lâmpadas no teto, restavam ainda uma duas ou três, as outras já haviam sumido, misteriosamente com certeza e deixara a iluminação fraquejar por ali. As pobres lâmpadas que restavam anêmicas como elas só, não chegavam clarear muito longe dali, transformando assim o corredor numa espécie de túnel.

- Era esse corredor, uma passagem de serviço da cozinha geral para o refeitório dos internos. Não se sabe de quantos metros era a sua medida. Nunca ninguém foi lá medi-lo. Supostamente calcula-se que media uns trinta metros de comprimento e mais uns três e mio de largura. No chão engastava ladrilhos comuns a todo o estabelecimento, vermelho com uma rodela branca ao meio, já impregnada de óleo de cozinha pelo tempo de uso das panelas, que ali passavam sempre com derramamentos pelas bordas, e depois elas mesmas retornavam por li, já vazias emplastando o dito túnel de carvão, do fundo.

Lá mais a frente, havia um portão e mais outro, a uns quatro metros, um do outro, formando um pequeno compartimento quase quadrado. A esquerda neste compartimento havia uma dispensa de guardar caixas e panelas vazias, que também trazia um portãozinho qualquer, sem muita importância.

A caldeira de produção de vapor d'água para a cozinha estava ao lado direito desse túnel, de quem vinha da cozinha, ou seja, cruzando a linha do sol em direção ao sul. Onde os presos com a alcunha de cozinheiro e de carregador de panela. Os carregadores de panela era aquele preso que dava mil voltas a um e outro lado e, às vezes decorava algum preceito nas paredes do dito Túnel que dizia conversa picaresca, admitidas como filosofias, de uma realidade ou não, eivadas todas elas de obscenidades, ou mais era uma imundície. Não respeitava a interpretação escabrosa do leitor que passava por ali e era obrigado estar parado num desses lugares,

sem entender nada, a princípio, depois entendendo, e enfim achando-lhe graça. Após certo tempo, quem procurava as decorações era o observador, e o decorador parecendo que gostava muito do feito, deixava por tanto elas lá nas paredes envelhecendo. O leitor afinal tirava doces

proveitos e levava o tempo a contemplar fenômenos, por menos curioso que fosse sempre era interessante saber, o que se passava agora na cabeça do traste, depois de uns vinte ou trinta anos de vida no cárcere perdida

O PÁTIO DA CALDEIRA

Pela abertura da lateral direita do Túnel, via dois presos lá fora no pátio da caldeira, eram os atiçadores de fogo daquela máquina. Um deles era o tal de Raposo e o outro era o Danado, e um terceiro sem fazer parte dos atiçadores, que ali se encontrava alimentando bichos soltos, criação de terreiro, com restos de legumes e sobras. Um lugar de estrume e terra onde nasceu muitas flores, muitos arbustos e muito mato rasteiro. Tinha espalhado neste pátio tanques velhos, restos de caldeiras, turbinas velhas, pedaços de paredes demolidas e outras coisas mais que serviam de atrativo nas horas incertas de alguns presos a furto, era o maior desejo de um preso estar ali pegando um quinhãozinho

anônimo no regozijo reservado cheio de obstáculos, pois o local era proibido de veras aos estômagos vazios de alguns presos que se apresentavam, insatisfeitos de olhos moles e úmidos, o que podia ser de intenção má aquela choradeira para ir àquele local, chegando lá pularia o muro no cantinho, dito como "Pulo do Gato", já que este local era equipado pelo Portão Três, o de viaturas, que somente se abria quando havia necessidade imperiosa da administração com ordens expressa do Serviço de Segurança, para um caminhão ir ao "Areão" levar ou, trazer alguma carga de extrema necessidade. Do contrário nunca seria aberto o Pulo do Gato.

O PÁTIO DO MARIEL

Ao lado esquerdo do Túnel, *ou seja, um corredor de passagem da cozinha geral para o refeitório dos internos*, estava uma parede semelhante a uma fortaleza, totalmente unida ao teto de laje, dividindo o quartirão; do outro lado desta parede havia um pátio proibido, afamado e conhecido que herdou o nome de seu mais ilustre ocupante por uns tempos "Mariel Mariscott", até 1975, ali esteve em confinamento exclusivo por sua índole policial da "era de ouro" difamada. A fortaleza impedia de visão e qualquer observação de ambas as partes, muito embora o ex-policial não estivesse mais lá dentro, restava apenas agora, uma solitária deslembada, que ficava com o sol a namorar e guardar esse tempo, tão praguejado pelos

jugos modernos à ignorância superior. A sua entrada estava virada para o passeio da área administrativa, bem próxima do portão principal de entrada das galerias e guarnecido por uma guarita policial situada na linha divisória sobre a muralha na altura do primeiro andar colada na parede da sala da administração. A área era enorme, de aproximadamente mil metros quadrados e o policial da guarita para fazer a vigilância do local, podia deslocar entorno desse pátio: sobre as lajes do Túnel, do Passeio Administrativo e a laje da Cozinha Geral. Dali caminhava-se sobre a laje da muralha até a referida guarita na linha divisória do quartirão administrativo com a prisão propriamente dita.

O REFEITÓRIO DOS INTERNOS

No final do Túnel os agentes da Zeladoria encontraram o terceiro portão que já mencionei, também, fechado a rigor e foi quando um detalhe dificultou lhes mais ainda a caminhada, pois agora, além do portão estar fechado na chave; a chave respectiva encontrava-se em poder do Agente encarregado do Refeitório dos Internos. Que naquela hora estava lá pelo interior da primeira galeria, ultimando o pagamento do café de alguma outra galeria, a custo veio atender aos chamados: este era o agente Benedito Bananal. Abriu o portão e voltou rápido aos afazeres seus, antes, porém falou ao chefe do Setor de Zeladoria, José Augusto. Confiando lhe disse: fecha aí! Os agentes da Zeladoria passaram e fecharam este portão conforme a recomendação do agente Benedito.

O Rancho naquela hora parecia uma festa de primavera, sorrisos e falas, a toda parte. Um amanhecer das almas em festa pública, o povo e a polícia vinham olhar e comer com todo o arrebatamento: Jovens e senhores faziam parte dela, com alegria, vibrante, cheio das auroras arranjadas e às tristezas ficaram nas celas em lugares dos próprios presos. Os agentes da Zeladoria agora haveria de providenciar canecas para provar o broxante do dia junto com os outros agentes e muitos presos: Café da manhã com pão amanteigado e tubérculos da roça, coisa a ninguém dispensável pela manhã, era a paixão de todo Agente Penitenciário e de alguns policiais, nos dias especiais dos tubérculos. O agente Benedito finalizou o pagamento do café matinal de uma das galerias e providenciava a outra. Agora era a vez de descer a terceira galeria, mas, precisava não esquecer de uma observação que sempre era feita:

- Enquanto houvesse algum interno ali presente no Rancho a terceira não entrava. Ou, melhor não podia descer, tinha de

aguardar a ordem do Inspetor de Dia: "mandar descer".

O Benedito Bananal presidia o banquete matinal, em que alguns agentes nada comiam, provavam, porque só tinham olhos para o ofício de vigilância. Havia no Rancho mais uma meia dúzia de agentes penitenciários, -- todos de plantão --, e ativos, cheios de vontade de trabalhar, mas o auxiliar de galeria... O entusiasmo e o último gole de café, transformava-se no gênio imperioso, estouvado, tudo isso levou a fazer uma coisa única; à saída se lembrou que, à porta do pátio (*portão que dava acesso do refeitório para o Pátio do Areão*), necessitava de controle, com essa observação, dirigiu-se aos agentes que o acompanhava, disse-lhes que não deixasse ninguém retornar do Areão por aquele portão. E, neste instante, retorna às escadas a subir no início da primeira galeria.

- Ao pé da escada, deparou com os presos já descendo; tratou logo de colocar o ambiente em ordem, meio esvoaçado que estava e meio escuro; Hercules esteve por alguns instantes; olhando sem solução para a iluminação no teto da galeria, precisava melhorar e tratou logo de organizar a fila que já se formava na "Boca do Boi".

Hércules concentrou todos os poderes na sua mão; foi uma fase inspiradora dele o universo naqueles três dias da escala das galerias, mostrava furioso, mas de um furor temperado e curto. Os companheiros seus ouvira-o calados, e nada opuseram a ordem recebida quanto ao portão do Areão; como de outras vezes; ruminava em cada um a idéia de esvaziar o refeitório e trancar o portão; mas, outras dezenas de presos estavam por chegar e sentar naquelas vastas mesas nuas de um granito bem polido. Quase sempre era a preferência dos presos mais manhosos, sentar-se ali por tempo, permitido. Antes de sair para o Areão.

Alguns internos preferiam levar o seu café para o pátio, outros ficavam a fazer o lanche ali mesmo, sem pressa alguma até que o guarda se arruinava e mandava sair, saia querendo voltar para repetir o lanche mais uma vez; o que não era permitido, somente, em casos de sobra de pães.

Enquanto os internos da terceira galeria não compareciam ao refeitório para comer os tubérculos, os pães e beber o café. O jeito era observar o amuo do Agente Penitenciário Benedito. Um sujeito de falar

pouco, bondoso em extremo, nunca que sabia dizer não a um companheiro, sempre concentrava o tipo nativo das praias da Ilha Grande: Não almejava muito para si e somente visava o bem do próximo. Tinha as feições tristes, concentrado em si mesmo e raramente discutia o entorno. Sem expor o seu interior permanecia concentrado num compromisso, talvez fosse com a escala de serviço no Rancho e nada mais. Parecia que ali estava o seu mundo sem saída.

A PRIMEIRA GALERIA, ala "B"

Após assistir o pagamento do café dos presos no Rancho, as Escoltas da Zeladoria, seguiram pelo interior da primeira galeria, cruzaram os dois portões de acesso ao refeitório, ganhando a primeira galeria; estes dois portões formavam um recinto de uns nove metros quadrados; cujo, era denominado pelo nome "Boi". Permanecer dentro deste recinto, nenhum preso podia; ali era um local de trabalho dos guardas das galerias nos horários das refeições dos internos e fora deste horário ele, obrigatoriamente, permanecia fechado.

- Agora, os guardas auxiliares do Hércules, tratavam de colocar os dois portões do Boi livres, com os presos avançando em ordem, conforme a fila lá na frente andasse recebendo o lanche no Balcão de distribuição dos alimentos:

- O Boi. Este recinto dava passagem geral aos presos das galerias para o Refeitório, por onde as Escoltas da Zeladoria pretendiam alcançar a área de serviço do Inspetor de Dia, denominada de Rool da Inspetoria de Guardas (*esta área de trabalho de guardas media aproximadamente duzentos e quarenta metros quadrados, no interior do vão central do prédio principal da prisão, dividindo as galerias em alas, "A e B", do primeiro, segundo e terceiro andar*):

As celas da primeira galeria "B" próximas ao Refeitório dos internos, naquele horário do café estavam todas fechadas, e, a porta de uma destas celas permanecia lacrada temporariamente, cujo, era a cela sete, emparedada por dentro da galeria e respectivamente esta mesma cela fora aberta, ou seja, foi colocada uma porta de saída para o Pátio do Mariel. E, esta cela sete nesta ocasião passou a servir como se fosse uma espécie de alojamento de um território neutro, dentro de uma carceragem rebelde ao ocupante daquele território, dadas as circunstâncias do encarcerado e sua permanência, como ex-policia civil, agora preso que em outras ocasiões havia perseguido até, prender muitos daqueles presos desta carceragem. Agora ali tão próximos e na mesma condição. Era como se inimigos estivessem navegando no mesmo barco. Esta situação se passou aqui na prisão da Ilha Grande no início da década de 1970.

Na oitava cela ninguém havia lá dentro, pela porta entreabria uma visão do ambiente, um desvapor vinha mal cheiroso, característico de ar poluído de um porão ou de um submarino. Mais duas outras celas estavam totalmente fechadas e o corredor pouco iluminado com aquelas portas não abertas formava um escuro ainda maior.

Na cela dois, havia um cadeado grande trancado e pendurado no ferrolho da porta, porque ali era o espera (*período de oito dias para observação*) dos presos ingressos novatos, que obrigatoriamente, deveriam permanecer trancados até, completar o tempo de espera a contar da data de chegada no presídio, para depois serem distribuídos no convívio de acordo com o número disponível de vagas em cada cela do Estabelecimento e, também, levava em consideração a convivência entre os ocupantes dessas celas, para que nenhum preso corresse o risco de ser lotado num ambiente inconveniente a sua convivência.

Mais a frete, a cela um, defronte a cela dois, os presos retardatários fluíam por ali de uma das escadas, precisamente da escada ao lado; localizada ao lado da cela um; que ligava a primeira galeria ao terceiro andar; os presos desciam correndo neste momento para não perder o pão amanteigado, com a canequinha de alumínio na mão esquerda, tiritando no fundo com a outra mão.

- Neste instante, o agente Penitenciário Benedito, lá nos fundos da cadeia já batia no portão do Boi, que era, (um portão todo revestido com uma chapa preta e grossa, que mais parecia casco couraçado de navio). Quando batia no Boi, lá nos fundos; cá onde estivesse um preso qualquer dizia ao outro, às vezes, com aquele som ensurdecedor: "*tocou o sino, vai fechar o Boi*". Ao contrário; de manhã quando por volta das dez horas ouvia aquele som maluco, todos os viventes do entorno, sabiam que aquele som significava que o Rancho estava pronto para receber a primeira leva de presos para o almoço, o vulgo "*Rancho*", como os presos diziam, ou se isto ocorresse à tarde seria para o jantar.

- O Boi, era uma rotina, o preso que por ventura perdia à hora, e ouvia o som do Boi soar para finalizar o Rancho, se punha a correr à implorar ao guarda permissão para ir lá ligeiramente e ver se conseguiu pegar a

comida. Agora necessitava de análise ligeira, numa questão de segundos analisava-se e se desse tempo ainda mandava o preso lá correndo.

- Do Rool, como já disse (*área de trabalho dos guardas entre uma ala de galeria e outra no vão central do prédio principal da prisão*), próximo a Inspeção de Guardas, ligado por portões e escadas ao setor; dali tinha uma visão ampla; via lá fora com perfeição o que estava acontecendo; entre os presos quando estava no pátio, denominado "Areão", onde havia muitos presos naquela hora.

- Neste horário da manhã era comum a Cadeia estar com o seu efetivo carcerário quase todo lá fora no Areão, mil e cinquenta internos. Foi quando passou correndo e gesticulando lá pelo meio dos outros, como se fosse espantalho; um preso que pelo jeito, era o tal Gravatinha; enquanto que outros presos pelos gestos eram também observados pelos Agentes Penitenciários. E, por dentro da primeira galeria, neste instante, os últimos presos se apressaram correndo em direção ao Rancho, passaram pelo portão preto; o Boi fechou-se. Todos para o pátio. A voz do Agente Benedito Bananal soava-se com a sua fala paciente a custo expulsando todo mundo dali, porque ia começar o Banho de Sol e o Futebol, também. As turmas saíam antes para o Trabalho Externo.

- Deu-se início a Revista Corporal dos presos no portão de entrada do Areão para as galerias. A cambada não retardou com a canequinha na mão, bem cheiazinha de café e o pão na outra. Correram. Gravatinha ficou de araque lá pelo meio dos outros internos, perdido no Areão. Com isso deu sete horas de uma manhã, prometendo ser ensolarada. Agora se tem pressa. O Zé, José Augusto Ferreira, Lucas, João Pereira e o, Pereira, na zombaria dos três. Veio o Inspetor-de - dia, o João Macumba, pegou a papeletazinha vistoriou, aquele papel mole e bem arrumadinho pelo José Augusto (...).

Eta, agente capricho nos seus escritos! Que letra bonita ele tem só para só para fazer inveja nos outros.

Agora as Escoltas da Zeladoria tinham os presos da Turma reunidos no Rool da primeira galeria, aguardando a chamada para atravessar o monumental Portão Central, que ocupava uma posição estratégica no Sistema Carcerário da Prisão da Ilha Grande. Este portão exigia habilidade para abri-lo no horário do expediente. Por que era o maior objetivo de um preso, atravessar o Portão Central do Estabelecimento. E, para isto o preso precisava está realmente autorizado, e nem sempre isto acontecia assim. Às vezes, se concentrava no Portão Central um número

enorme de presos pedindo para ir a uma ou outra repartição administrativa, outros internos simplesmente alegavam necessidades, entre todos, sempre havia um preso que ludibriava e passava com outros objetivos esquivos. Uma vez, estando do outro lado, o interno tomava destino diferente, o que, comprometia a segurança do Estabelecimento. E, neste caso o Agente Penitenciário responsável pelo Central, era chamado atenção e tinha que justificar a presença daquele preso lá na parte da frente do Estabelecimento, muitas das vezes a justificativa tinha que ser feita por escrito ao Chefe do Serviço de Segurança ou ao diretor.

A SAÍDA DA TURMA DE PRESOS PARA O TRABALHO DA ZELADORIA

Desta feita já o sol estalava, os internos da Turma da Zeladoria, todos ali reunidos. Chama o Zé, um por um, todos para frente, vieram, atravessaram a cortina (*Portão Central*), saindo do Rool, já ficaram separados dos outros, as Escoltas contaram, tinha dezenove, faltava um, o Carangola – o sem vergonha do Carangola – João Carangola, a matrícula dele era 13 mil e qualquer coisa a mais que não guardei na memória; vão, vai, pode ir andando. Bonitinho. Circularam a passarela da Administração, (*um passeio totalmente coberto de laje, que ligava o Portão Central do setor de galerias ao portão posterior do prédio da Administração, exclusividade de uso do diretor e seus auxiliares*) conforme podia ver, um atrás do outro em fila indiana, ganharam o portão do meio (*portão lateral esquerdo do pátio da Administração*), o Hércules estava lá abriu e perguntou: - Pode deixar ir Zé? Pode! Já estamos atrasados. Hoje, nós vamos capinar o Areão de Grama Barbante (*referindo-se a Praça Guadalajara*), todo mundo já sabe desde ontem que hoje é o “dia da onça beber água”, vai todo mundo pegando logo a

ferramenta e saindo de fininho, pru seu local de trabalho, enquanto o sol não esquentava mais. Senão vai ficar ruim. Vai ter de capinar no sol, assim mesmo.

A Turma ganhara o pátio da frente da Administração, formaram um agrupamento em quatro colunas defrente ao Corpo da Guarda, um pouco afastado, conforme mandava o figurino. O Zé trouxe a papeleta, entregou ao Cabo da Guarda. Cabo Ramos logo viu que faltava o visto do chefe da Disciplina, Sargento Amichi, já estava ali mesmo de pé, firme, como de sempre assistindo a saída, foi logo à mesa do Cabo, deu lá um rabisco com muita facilidade. Ta assinada, chama, Nego... Chamou um a um preso, pausadamente, sem tumulto algum, o Zé já havia se adiantado para chegar à frente na Zeladoria, a tempo para preparar, o que já estava quase que preparado, o Livro de anotações das ferramentas, ticando somente, na frente do nome de cada um preso. O último preso a apanhar ferramenta foi o Pelé, matrícula 13 mil (...), aquele era sempre mole sem pressa, desinteressado em tudo, um meliante melifluo que não oferecia qualquer perigo. Já mais tinha estas

cousas de dar trabalho com vigilância. Luiz Gesto Jerônimo Vieira, matrícula 12 mil..., já vinha por lá, já havia tido ido à casa de José Augusto, levar coisa que levava. Estava ali para lavar as vasilhas de carregar comida, ele era o carregador de comida da Turma.

Por volta das nove horas, o Zé, disse aos companheiros da seção: ficam aí na seção! Eu e Pereira vamos dar uma volta na turma, pra ver como anda o trabalho. Os dois foram ao Areão, onde os presos estavam trabalhando, ver a capina. João Pereira esteve algum tempo na frente do Setor de Zeladoria, conversando com Costinha, cuspidor que, falava inconseqüente do Flamengo: "Galinho de Quintino" e emendava - "toma-no-cuzinho, toma-no-cuzinho, toma-no-cuzinho" ...

Tudo bem: Nove horas e trinta minutos a turma ta suando no cabo da enxada e no ancinho; a carroça de gari trabalhava, também, arrastando grama capinada, feito ela só, e cantando com aquele rangido. As rodas de ferro formavam um range, range e jogavam-se igual roda de carruagem dos filmes de bangüê, bangüê do Oeste norte-americano, e Marola com ela, vinha à beira da rua, jogava a carga e voltava lá na ponta da praça, perto da encruzilhada dos caminhos do campo de futebol com o que

cortava a Praça Guadalajara ao meio, passando bem pertinho do lago azul, ali ao lado do caminho, pra lá mais estava o Bigode, eta preso bom de enxada! Trabalhava sempre quieto, não gostava de falar muito, mas era sujeito homem, que não gostava de prosa à toa.

Depois desta ronda. José Augusto e Pereira retornaram ao Setor de Zeladoria. Num espaço de tempo miúdo surge o Bigode na frente da Zeladoria, lá fora, próximo de um pé de manga que havia defronte, meio esquivo, fez um pedido: precisava regressar, estava mal com uma dor na barriga. Dentro da cadeia tomaria remédio no cubículo. Seguiu para a portaria, deu baixa na papeleta. Onze horas e trinta minutos a turma parou para o almoço, guardaram ferramentas, o almoço chegou, almoçaram e aguardaram o início do segundo expediente às 13 horas.

O segundo expediente não aconteceu, veio a ordem de recolher a turma, como mau sinal. Era algum "bisu" (boato): Evasão a vista, e deu-se início a tensão que transformou o resto do dia num pandemônio dos diabos. O resto desta história continuará numa próxima edição. Obrigado pela leitura e até breve falaremos da fuga do Saldanha.

MODA É CARNAVAL

Terminou o Carnaval, ficou a sensação que a Vila Dois Rios, não passou em branco, teve carnaval as quatro noites e muita música, para todos os gostos, até às quatro horas da Quarta-feira de Cinzas, que amanheceu com as ressacas de um fim de carnaval mesmo!

A folia deixou em algumas pessoas que curtiram, um gostinho de quero mais carnaval; quase a moda antiga quando se tinha outros carnavais, que não se repetem mais; atualmente a moda é outra. O

Carnaval se modernizou lá e aqui. E, é o que se viu. Uma mistura de ritmos, do Fank ao Forró, passando pelas tradicionais marchinhas de carnaval antigo, como, a famosa Máscara Negra, O Teu Cabelo Não Nega, Tristeza E Pé No Chão, Linda Morena, Tahí: (Ta-hi; Eu fiz tudo; Pra você gostar de mim; Oh! Meu bem; Não faça assim comigo não; Você tem; Você tem, Que me dar seu coração, e muitas outras composições da década de 1960 ou mais antigas.

O evento da Vila Dois Rios reuniu, um musical de altíssima qualidade, sem dúvida o espetáculo exibiu imagens, a altura da Costa Verde, que serviu para estimular os sentidos auditivos e visuais dos que vieram conferir as fantasias da mocidade que dança pra valer.

É com esta premissa que teve início a mostra de uma fase moderna do Carnaval de Dois Rios:

- Em ritmo moderno de carnaval, vamos soprando os ventos da nossa terra para outros cantos. E, os ventos trazem-nos, também, gente de outros cantos, sons, esperança, grito de gente nova e etc. Um pouco disso tudo está em mente hoje, pode gerar, a vontade das pessoas conhecerem melhor essa nossa terrinha, inclusive, mais sensibilidade ao lidar com a tradição e mais respeito no salão.

Carnaval, como disse, moderno, tocado pela dupla de jovens Édosns ... É um espetáculo excepcional, que brilhou além da música de qualidade, também, valorizou e divulgou a forma poética, a beleza da Ilha Grande, com muito calor, sol e alegria por uma das principais praias, enfim, fez o Vilarejo brilhar mais, durante quatro dias e quatro noites.

No sábado, 12, o carnaval da Vila, surpreendeu pela movimentação dos

visitantes e moradores adolescentes lotando o clube, na anciã de divertimento diferente da pachorra de sempre. A festa se iniciou com um show de flash pelo salão, no ritmo da batida do som, anunciando musical novo, e, com um bom número de público, os foliões se empolgaram como nos bailes tradicionais dos jovens das grandes cidades.

No terceiro dia de carnaval, segunda, dia 15, reuniu o grupo de foliões que confeccionaram suas fantasias para brilhar na festa da noite. Era, os Minhocas da Terra com Visitantes, uma mistura que deu um show de alegria ao som de marchinhas, sambas enredo e ritmos de MPB, se esbaldaram pelo meio do salão.

- O segredo estava mesmo na música elitizante. Até os mais velhos e as crianças vibraram como se fosse um grande acontecimento, parece, sabendo ensaiavam comemoração do Brasil na Copa-do Mundo em 2014, já na Ilha Grande e os jogos Olímpicos de 2016, na cidade do Rio de Janeiro, depois de uma grande vitória brasileira.

E, para fechar a folia, da Vila Dois Rios, às duas horas de terça-feira, 16, embalou-se num Forró pé-de-serra, levando os foliões a loucura até ao final, e despediu-se do carnaval moderno, "com um gostinho de quero mais", prova de que a festa não acaba na Quarta-feira de Cinzas, às 4h., ainda.

Fco-Museu

Uma sessão de cinema foi realizada no dia 27/02/2010, no Centro de Convivência da Vila Dois Rios, com o filme "Narradores de Javé", escolhido pela funcionária Sabrina, numa ação educativa promovida pelo Cineclube. Eu assisti, gostei muito e até deixo aqui os meus parabéns a escolha do tema. Pois ficou uma mensagem de valores, que cria na gente um rio de sonhos dotados de histórias. Ainda não havia visto um documentário tão bom quanto Javé. Valeu. Trouxe realmente o que se promete em

termos de recreação e cultura. Perdeu quem perdeu, por não ter comparecido, não só para ver o elenco que reúne gente do humor, que faz a chacota brasileira contracenar com a nossa realidade, que faz a gente rir e chorar, vivendo lá e cá, um mundo de fé e esperança que não acaba mais, expressadas numa literatura indelevelmente que marca com a técnica rica de cada um ator.

Umhas trinta pessoas compareceram, o que nos mostra o quanto um projeto deste é importante no dia a dia da comunidade.

O espetáculo em si sua história embalava a um périplo que não se reduz à navegação por mares subjetivos, mas realiza uma viagem dentro de cada um de nós, na profunda realidade que aconteceu por aí. O personagem Zaquel nos coloca diante do mar de conquistadores sem deixar morrer a luta que dela brotam várias ilusões, de escrever uma grande história que Biá não retrata a tempo útil e deixa o povo de Javé cheio de ódio e lembranças, somente, escondidos nas espadas de um inimigo muito forte.

É inútil que se durma como o "escritor" Biá? Escolhido para fazer os escritos do povoado. Ele deixa um rio correr no sonho de cada personagem, e ainda mais difícil fica no deserto e no sótão do analfabetismo.

Este rio corre dentro de nós. Somos este rio, sempre na transformação. Nossa vida é a correnteza que nos transporta em busca do destino, e neste trajeto realizamos algum sonho, expomos, lutamos por uma causa ... Somente, o sonho dá sentido ao nosso rio. Mas nossos sonhos, nossos segredos e nossas memórias, também, afundam, um dia. E depois? A necrópole onde é que se depositam nossos sonhos, onde descansam?

Talvez simplesmente se deem no lado das profundezas, ao lado das emoções mais fortes, das memórias mais nítidas, das lembranças que também desaparecem

conosco. Com a morte deixamos para sempre o oceano, povoado de mistérios e movidos por designios que jamais conhecemos, mas que prevalecem sobre as leis da física e dos limitados horizontes humanos.

Também para lá se vão tudo que soubemos dos mais antigos centros abandonados, e os nossos princípios morais, as nossas éticas, as amizades, os amores, a devoção, os conhecimentos dos vencidos, os livros soterrados, religiões que há muito deixaram de consolar, dúvidas já mais esclarecidas. Tudo isso segue na profundidade dos escombros, na direção do desconhecimento que se mistura com a memória, da morte que se confunde com a vida. Assim é um povo vencido conforme foi o povo de Javé, quando seguia com as tralhas numa carroça puxada por um burro, fugindo do próprio governante escudado no latifundiário ainda nos tempos dos coronéis que hoje é a tônica da nossa diversão e reflexão numa sala de filme, bem a escolha da Sabrina, uma pessoa que está a frente da museologia na Vila Dois Rios, eu nem sabia quem era e de repente mostra-me quase dois séculos de histórias semelhante a muitas histórias por este país, afora que nos serve de ação educativa. Obrigado.

A NOSTALGIA DA NATUREZA (1ª parte)

Estava a espia uma roseira tão alta:
Olhando para um lado,
Para outro.
Levantando o olhar para cima vendo:
Árvores, pássaros e a luz do sol,
Derramada nos montes;
Entre folhas querendo enxergar muito além,
Daquilo que as árvores encobriam.

Então, tudo verificado.
Eu, com muito cuidado,
Quase como que te acariciando,
De vagar, o teu ar puro virginal,
Com um jeito especial;
Foste surgindo triste
E lindas que eram
As flores do rosal.

Admirava tão encantadoras formas
Naquele instante,
Ao sol que espalhou paralisava-me
Para contemplar tanta formosura.

A árvore ali imóvel e frondosa,
A ostentar no alto uma linda roseira.
Queria olhar ti por tempo inteiro;
Absorver por completo!
Ser o vento e fazê-la oscilar feliz.

Ah, como eu queria.
Ser esta árvore que a tem inteira!
Que se amolda ao teu corpo de cipó!
Dá haste mais alta ao pé!
Que te deixa subir as alturas
E confiante a mantém presa
Em seus galhos a se exibir ao mundo inteiro!